

## AFETO, EMOÇÃO E EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA E JUVENTUDE PARA A FORMAÇÃO SÓLIDA DO HOMEM SOCIALMENTE COMPETENTE

**Glauca de FREITAS<sup>1</sup>**

IFTM

**Patrícia Campos PEREIRA<sup>2</sup>**

IFTM

**Sérgio Lins Calheiros JÚNIOR<sup>3</sup>**

IFTM

### RESUMO

A educação emocional e afetiva é um desafio que perdura há séculos e que precisa ser colocado em prática. Precisamos “cultivar” cérebros emocionalmente e afetivamente melhores para que os indivíduos se tornem homens socialmente competentes. A UNESCO preconiza a contemplação à formação holística para o desafio da educação no século XXI, e vem de encontro ao nosso objetivo de fazer com que compreendam, neste artigo, que a formação do homem integral baseia-se respectivamente no afeto, no amor, na educação emocional e intelectual. Assim, este artigo apresenta um estudo sobre esses aspectos fortemente presentes nas obras de Johann Heinrich Pestalozzi; o objetivo é verificar a importância do pensamento desse autor e sua influência na obra de tantos outros autores ao longo dos anos. A pesquisa bibliográfica foi a metodologia utilizada para escrever o artigo, fato este que dificultou bastante a realização do estudo, tendo em vista que sua obra não é de fácil acesso, e que a maioria de suas obras não foram traduzidas para o português. Para Pestalozzi o ser é moral e, como tal, deve descobrir essa natureza e cumprí-la. Portanto, neste estudo, pretendemos mostrar um pouco da história deste grande pensador, sua importância para as teorias educacionais contemporâneas e sua influência nas práticas educacionais atuais.

**Palavras-chave:** Educação. Pestalozzi. Moral. Indivíduo.

---

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro, e especializada em Gestão Pública pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Email: [freitasglauca5@gmail.com](mailto:freitasglauca5@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia e especializada em Direito Educacional pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Trabalha como Pedagoga na Pró-Reitoria de Extensão do Triângulo Mineiro. Email: [campos.pat@gmail.com](mailto:campos.pat@gmail.com).

<sup>3</sup>Graduando em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Email: [sergiocalheiros@iftm.edu.br](mailto:sergiocalheiros@iftm.edu.br).

## INTRODUÇÃO

O nome de Pestalozzi é mencionado frequentemente, mas poucos no Brasil o lêem e continuam conhecendo muito mal, tanto sua obra quanto seu pensamento; geralmente o relacionam à uma imagem calma, de coração maternal grande, ou de pai dos pobres, visto que Pestalozzi foi um pensador e sobretudo um apaixonado homem de ação. Pai da psicologia moderna, inspirou diretamente a Froebel e Herbart, e seu nome está vinculado a todos os movimentos de reforma da educação do século XIX.

A formação do homem integral deve ser sem dúvida, o desafio mais grandioso da educação e deve tomar por base o pioneiro da pedagogia moderna Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que cativou a todos com seu pensamento, uma educação capaz de atingir o “povo”, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo de poucos. Vejamos então um pouco da história<sup>4</sup> deste grande pensador:

### A INFÂNCIA

Johan Heinrich Pestalozzi nasceu no dia 12 de janeiro de 1746, na cidade de Zurique, Suíça, filho de pai que exercia a medicina e mãe que vinha de uma família de médicos. No ano de 1751 ele perdeu o pai, e sua mãe sustentou os filhos em meio a muitas dificuldades econômicas, beirando a miséria. As dificuldades de sobrevivência serviram para fortalecer a alma da criança Pestalozzi, que mais tarde se tornaria um educador.

De 1751 a 1763 Pestalozzi estudou, chegando a ter aulas de linguística e filosofia no Colégio Carolinum (Zurique/Suíça) e, ainda jovem, com 17 anos já era membro da Sociedade Helvética, criticando a situação política do país e propondo reformas.

Ele conheceu de perto a realidade do estigma social e teve de lutar muito para se tornar visível numa sociedade preconceituosa que ainda se dividia entre ricos e pobres, entre nobres e plebeus.

Pestalozzi recebeu orientação religiosa protestante, mas durante toda a vida considerou-se simplesmente um cristão, sem defender ou seguir esta ou aquela denominação religiosa.

### IDÉIAS REVOLUCIONÁRIAS

---

<sup>4</sup> Histórico extraído de [http://www.educacaomoral.org.br/pesta\\_lozzi.htm](http://www.educacaomoral.org.br/pesta_lozzi.htm). Acesso em 30/07/2013.

Desde cedo influenciado pelo movimento naturalista, principalmente após a leitura do "Emílio", de Rousseau, Pestalozzi tornou-se um revolucionário apaixonado, juntando-se aos patriotas que criticavam a situação política do país e propunham reformas. Abandonou a preparação para o sacerdócio para dedicar-se ao direito e ao serviço público, mas efetivamente torna-se um jornalista e um idealista da educação.

## **O CASAMENTO**

Em 1767 fica noivo de Anna Schulthess, mulher de ideais humanistas como ele, contrariando os pais da noiva, que ameaçaram cortar o dote da mesma, mas, perseverante, consegue casar-se com ela dois anos após. É nesse período que Pestalozzi faz a leitura da obra "Emílio", de Jean-Jacques Rousseau, tornando-se adepto do naturalismo.

Do casamento teve um filho, Hans Jakob, nascido em 1770, nome que é uma tradução alemã de Jean-Jacques, uma homenagem a Rousseau.

Ana Schulthess faleceu em 1815, após dez anos de trabalho constante no Instituto de Iverdon ao lado de Pestalozzi.

## **A FAZENDA NEUHOF**

Por conta da leitura das obras de Rousseau toma aulas de agricultura e, junto com a esposa, instala, no ano de 1774, a Fazenda NeuhoF (Nova), dando início a um instituto para crianças pobres, numa proposta que unia educação e trabalho.

Pestalozzi tinha em mente melhorar as terras por meio de novos métodos de cultura, e viver uma vida de acordo com as idéias naturalistas dominantes. Entretanto, transformou a fazenda num instituto filantrópico para crianças abandonadas, onde elas trabalhavam na produção da fazenda e em outras ocupações. Mas, sua falta de habilidade na administração do negócio e ao mesmo tempo escola profissional levou-o à falência. A experiência dura até o ano de 1780, data em que as dívidas não mais permitiram a continuidade desse trabalho.

Pestalozzi perde a fazenda, restando-lhe apenas um pequeno sítio, sua esposa adocece, e retorna ao lar dos pais para tratamento de saúde.

Foram suas idéias de redenção do povo pela educação que o levaram a criar a Fazenda NeuhoF. Sua intenção era formar um grande lar, onde as crianças órfãs e mendigas pudessem ter uma formação moral e profissionalizante. A relação estabelecida com os alunos deveria ser como a de pai e filhos: Baseada no amor e na fé no potencial adormecido das crianças.

Pestalozzi esperava sustentar a obra por si mesmo, com o seu trabalho; entretanto, nunca teve vocação para as questões da administração, e suas ideias sempre esbarravam na sua inabilidade para conjugar o idealismo com a ordem financeira do empreendimento, motivos que o levaram ao fracasso e à falência completa.

*"No meu peito de criança, o coração já batia por isso: o povo é miserável, quero ajudá-lo!"*

## **O PRIMEIRO LIVRO: LEONARDO E GERTRUDES**

Por conta de seu idealismo e da experiência acumulada, Pestalozzi começa a publicar vários escritos, dedicando-se à literatura e ao jornalismo. Fica famoso com a publicação do livro *Leonardo e Gertrudes*, em 1781, mas desgosta-se com a crítica e o público que o recebem como um romancista folhetinesco, enquanto ele mesmo se considera, e de fato é, um escritor educacional, pois o livro nada mais é do que um romance pedagógico. O propósito do livro era descrever a vida simples do povo rural e as grandes modificações causadas pela inteligência e devotamento de uma simples mulher.

*Leonardo e Gertrudes* foi desdobrado em quatro volumes reproduzindo na trama os diálogos simples da gente camponesa, e dirigindo-se ao povo. A abundância de situações, a sutileza das abordagens psicológicas, a ação narrada com emoção e o alcance social e educativo da obra justificam sua extensão.

Os volumes foram editados, respectivamente, nos anos de 1781, 1783, 1785 e 1787. Neles, Pestalozzi combina suas experiências pessoais com suas propostas sociais não realizadas. Em toda sua obra fica explícito que a base de toda transformação moral, de todo resgate da natureza humana deve partir do sentimento; sem um impulso emocional em direção ao bem, nada se pode mudar.

## **A REVOLUÇÃO FRANCESA**

De 1780 a 1798 dedicou-se intensamente à atividade literária. O pensamento fundamental de Pestalozzi era sempre o mesmo: As reformas sociais e políticas deviam surgir pela educação - não pela educação tradicional, mas de um novo processo de desenvolvimento que resultaria na reforma moral e intelectual do povo.

A Revolução Francesa influenciou fortemente Pestalozzi. Ele percebeu que os aristocratas a quem se dirigia, numa tentativa de conscientizar as elites da necessidade de um esforço pela educação popular, eram indiferentes ao seu ideal. A fé no despotismo esclarecido, tanto defendida pelos iluministas, termina ali.

## A REVOLUÇÃO SUÍÇA

Em 1798 acontece a revolução Suíça e ele torna-se redator do jornal Folha Popular Helvética, mas seu discurso, cada vez mais educacional, distancia-se do ardor revolucionário e da esperança política de mudanças sociais por parte do governo.

O coração de Pestalozzi estava inquieto. Os anos passavam e a tarefa da educação das crianças não se concretizava. Seu idealismo não encontrava eco nos príncipes e burgueses ricos.

Com a guerra napoleônica, surge a oportunidade de dirigir um instituto para crianças órfãs, vítimas da guerra, na cidade de Stans. O governo suíço providencia a verba e a estrutura para o projeto, e Pestalozzi é agora diretor de um orfanato.

Pestalozzi consegue, então, desenvolver com as crianças as novas práticas educativas que tanto escrevera, combina as atividades educativas com o trabalho manual, e torna-se, além de professor; diretor, pai e faxineiro.

O trabalho dura seis meses e ali, em condições adversas, ele aplica a pedagogia do amor para fortalecer o caráter, mas questões políticas encerram a atividade e ele rompe com o governo, lançando a *Carta de Stans*, onde explica sua filosofia e sua metodologia.

*"Minha convicção e meu objetivo eram um só. Na verdade, eu pretendia provar, com minha experiência, que as vantagens da educação familiar devem ser reproduzidas pela educação pública e que a segunda só tem valor para a humanidade se imitar a primeira. Aos meus olhos, ensino escolar que não abranja todo o Espírito, como exige a educação do homem, e que não seja construído sobre a totalidade viva das relações familiares conduz apenas a um método artificial de encolhimento de nossa espécie. Toda a boa educação exige que o olho materno acompanhe, dentro do lar, a cada dia, a cada hora, toda a mudança no estado de alma de seu filho, lendo-o com segurança nos seus olhos, na sua boca, na sua frente. E exige essencialmente que a força do educador seja pura força paterna, animada pela presença, em toda a extensão, das circunstâncias familiares. Sobre isso eu construí. Que o meu coração estava preso às crianças, que a sua felicidade era a minha felicidade, a sua alegria a minha alegria - elas deviam ler isso na minha frente, perceber isso nos meus lábios, desde manhã cedo até tarde da noite, a cada instante do dia.*

*O homem quer o Bem com tanto gosto, a criança tem tanto prazer em abrir os ouvidos para o Bem! Mas ela não o quer por ti, professor, ela não o quer por ti, educador, ela o quer por si mesma. O Bem, para o qual debes conduzi-la, não deve ter nenhuma relação com os teus caprichos e com as tuas paixões. É preciso que a natureza da coisa seja boa em si e pareça boa aos olhos da criança. Ela precisa sentir a necessidade da tua vontade, conforme sua situação e suas carências, antes que ela queira a mesma coisa. Ela quer tudo o que a torna amável, tudo o que lhe traz reconhecimento, tudo o que excita nela grandes expectativas, tudo o que nela gera energia, que a faça dizer: "Eu sei fazer". Mas toda essa vontade não é produzida por palavras, e sim pelos cuidados que cercam a criança e*

*pelos sentimentos e forças gerados por esses cuidados. As palavras não produzem a coisa em si, mas apenas o seu significado, a sua consciência.*" (Trecho da "Carta de Stans", descrevendo o trabalho realizado no orfanato, em 1799)

## **INSTITUTO DE BURGDORF**

Convidado pela prefeitura da cidade de Burgdorf para instalar um seminário de professores, Pestalozzi ali trabalhou de 1799 a 1804, lançando em 1801 o livro *Como Gertrudes Ensina seus Filhos*.

Em Burgdorf ele "psicologiza a educação" e consegue estabelecer uma escola particular, apenas parcialmente subvencionada pelo governo.

## **A POLÍTICA**

Entre os anos de 1802-1803, Pestalozzi foi como deputado a Paris, e fez de tudo para fazer com que Napoleão se interessasse em criar um sistema nacional de educação primária; mas o conquistador disse-lhe que não podia perder tempo com o alfabeto. Na época, a igreja possuía o controle de todas as escolas e não apresentava qualquer interesse em melhorar o seu padrão de qualidade e de posicionamento, pois assim, poderiam manter as coisas como estavam.

## **INSTITUTO DE IVERDON**

O Instituto de Iverdon é considerado escola modelo para toda a Europa. Pestalozzi mesmo continua pobre. Seu lema: *"tudo para os outros, nada para mim"* o leva a ser conhecido como "Pai Pestalozzi" e dedica-se intensamente a amar e aplicar a educação moral.

Iverdon funcionou sob a direção de Pestalozzi durante vinte anos, de 1804/1805 a 1824/1825, instalado num castelo medieval perto do Lago Neuchâtel, e foi considerado instituto escolar modelo para a Europa, segundo o parecer de renomados filósofos, cientistas, literatos e personalidades políticas da época, que o visitaram, e dali saíram maravilhados, tais como os sábios Humboldt, Saint-Hilaire, Cuvier, Biot, Maine de Biran, Madame de Stael, Robert Owen, Goethe, Fichte e diversos membros da realeza.

No Instituto de Iverdon, Pestalozzi reuniu educadores de várias partes e recebeu a visita de educadores que se tornaram célebres: Froebel, criador do jardim de infância; Carl Ritter, fundador da geografia científica; Herbart, que desenvolveu a psicologia.

O funcionamento do Instituto era revolucionário para os padrões da época: portões sempre abertos, liberdade para os alunos, dez horas de aula por dia, salas de trabalho,

trabalhos manuais, aulas de ginástica e natação ao ar livre, pesquisas de botânica e biologia junto à natureza, utilização da música e dos alunos mais adiantados como submestres e aos domingos, numa assembléia geral, era feita uma avaliação dos trabalhos desenvolvidos na semana, não havia castigos nem recompensas. Pestalozzi não queria a emulação nem o medo. Só admitia a disciplina do dever, da afeição, e do amor.

O curso completo de instrução no Instituto de Iverdon não tinha duração fixa, estendendo-se desde a idade de nove ou dez anos, ou mesmo desde os sete, até os quinze ou dezesseis anos. À instrução primária e secundária, compreendida naquele período, seguia-se, para aqueles que o quisessem, um terceiro e último grau de educação, técnica e praticamente destinada a formar bons professores na ciência da educação e na arte pedagógica.

*"A natureza melhor da criança deve ser encorajada o mais cedo possível a combater a força prepotente do instinto animal"*

Essa frase de Pestalozzi nos remete à escritora Dora Incontri (1997)<sup>5</sup>, segundo ela, Pestalozzi acreditava que a função principal da aprendizagem é levar a criança a desenvolver suas habilidades natas. A escola idealizada por Pestalozzi deveria ser não só uma extensão do lar, como também inspirar-se no ambiente familiar, para oferecer uma atmosfera de segurança, amor e afeto. Para Pestalozzi, a função ensinar é ser o facilitador do desenvolvimento da criança, respeitando seus estágios de evolução, suas necessidades, aptidões, limites, permitindo o movimento natural de crescimento de dentro para fora e o aprendizado deve ocorrer em sua maior parte na prática, na vivência emocional, sensorial, intelectual do indivíduo, ou seja, acredita que o aprender está no fazer.

Essa posição, segundo Incontri (1997), veio de influencia do Mestre Jean Jacques Rousseau, ao ver a pessoa humana como essencialmente boa e potencialmente fértil; mas Pestalozzi como um educador nato, tinha suas próprias definições e via o ser humano, também, como um ser egoísta.

O pensador suíço costumava comparar o ofício do professor ao do jardineiro, que devia providenciar as melhores condições externas para que as plantas seguissem seu desenvolvimento natural. Ele gostava de lembrar que a semente traz em si o "todo" de uma árvore. Desse modo, o aprendizado seria, em grande parte, conduzido pelo próprio aluno, com base na experimentação prática e na vivência intelectual, sensorial e emocional do conhecimento. É a idéia do "aprender fazendo", amplamente incorporada pela maioria das escolas pedagógicas posteriores a Pestalozzi. O método deveria partir do conhecido para o

---

<sup>5</sup> INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: Educação e Ética**. São Paulo: Scipione, 1997. – Pensamento e ação no Magistério. 184 p.: il.

novo e do concreto para o abstrato, com ênfase na ação e na percepção dos objetos, mais do que nas palavras. O que importava não era tanto o conteúdo, mas o desenvolvimento das habilidades e dos valores.

Sem notas, castigos ou prêmios, assim via Pestalozzi, que não se limitava à aprendizagem por absorção de informação, aplicava em classe seu princípio da educação integral. Segundo ele, o processo educativo deveria englobar três dimensões humanas (cabeça, mão e o coração) e o objetivo final do aprendizado deveria ser uma formação também tripla (intelectual, física e moral). E o método de estudo deveria reduzir-se a seus três elementos mais simples (som, forma e número). Só depois da percepção viria a linguagem.

A criança parte da observação do objeto (percepção) alimenta a mente (intuição), constrói hipótese e chega ao conhecimento. Desse modo, o estudante teria condições de encontrar em si mesmo liberdade e autonomia moral. Como alcançar esse objetivo dependia de uma trajetória íntima, Pestalozzi não acreditava em julgamento externo; acreditava no desenvolvimento da inteligência do aluno e não a transmissão de conhecimento. Por isso, em suas escolas não havia notas ou provas, castigos ou recompensas, numa época em que chicotear os alunos era comum.

É possível a escola idealizada por Pestalozzi, mas limitado dentro do atual sistema brasileiro, é preciso renovar os conceitos, entender a seguinte pergunta: Para que se educa ser humano?

## O ÚTIMO DEBATE: PRÁTICA E TEORIA PEDAGÓGICA<sup>6</sup>

Pode-se avaliar a atualidade de Pestalozzi na maneira como soube pensar a fundo a contradição entre a função de integração social da escola e seu dever de realizar os indivíduos na liberdade: Durkheim e Illich ficam igualmente refutados. Os partidários “da escola navida”, seguindo nisso a Pestalozzi, poderão perceber a magnitude dos obstáculos que continuam levando ao fracasso suas experiências. Mas também atuam em vão os que querem tirar vantagem das dificuldades de tais precedentes para restaurar o antigo humanismo em torno da “ideia de educação”: Pestalozzi lhes responde com um não categórico através de suas relações com o pastor de Niederer, no início seu colaborador mais próximo em Yverdon, logo seu adversário e finalmente seu inimigo encarnado que queria destruir uma empresa que não pode submeter à sua concepção.

---

<sup>6</sup> SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). p. 41.



Tende-se, em geral, a considerar que a controvérsia que ocorreu em Yverdon, que alcançou tal profundidade que a experiência fracassou pela segunda vez, não é mais que uma querela entre pessoas ou um conflito dos temperamentos. Na realidade, no fundo desta disputa, há um debate fundamental que continua sendo de profunda atualidade na pedagogia: o da relação entre a prática e a teoria. Se o educador, diferentemente do filósofo e do cientista, é precisamente “um prático na busca de uma teoria praticável de sua prática” (D. Hameline), podemos dizer que a existência de Pestalozzi foi a encarnação dessa definição. Pestalozzi foi inteiramente prático no Neuhof, experiência que quis que fosse uma manifestação da liberdade pura em ação. Logo, as investigações de 1797 podem ser interpretadas como o fim de um longo caminho que permitiu que Pestalozzi elaborasse a teoria de sua prática eliminando dela tanto o discurso inoperante dos filósofos como os procedimentos estéreis da “ciência do homem”. Mas vimos que embora a reflexão das “Recherches” exigisse uma prática, continuava havendo ruptura entre ambas: o método também se estabelece como uma teoria “praticável” da prática desenvolvida em Stans, Burgdorf e Yverdon, e a vontade de autonomia subjacente não têm porque buscar seus fundamentos fora de si mesmos. Esse será o erro de Niederer que, imbuído pela filosofia de Fichte e Schelling, e apresentando-se como o Platão de Sócrates da pedagogia, tenta transformar em teoria a experiência que está sendo realizada ante seus olhos. Pestalozzi, consciente da necessidade de tal explanação, seguirá por um momento seu colaborador, mas não tardará em perceber que o que está sendo elaborado é uma doutrina cada vez mais alheia ao que ele intimamente deseja, e terminará em rejeitar brutalmente a teoria de Niederer assim como sua influência dogmática no instituto. A objeção fundamental que Pestalozzi faz a respeito dessa teoria é que ao transformarem sistema o projeto da liberdade que a move, torna esse projeto “impraticável”.

Niederer, ao assumir a direção do instituto, inspirou por certo uma prática, mas esta não tardou a desenvolver-se em todos os níveis em detrimento do que era buscado através dela: a realização efetiva da liberdade em cada um e em todos. Concretamente, os professores preferiram passar a maior parte de seu tempo em seminários, discorrendo sobre a liberdade, a força autônoma da criança ou da pedagogia cristã, preocupando-se cada vez menos do único que na realidade, poderia dar o sentido a essas belas ideias: as crianças presentes nesse lugar, a realidade cotidiana do instituto, essas pequenas coisas que alimentavam a força autônoma de cada um.

Pestalozzi que havia vinculado a educação com o projeto moral do homem, evidente em sua atitude de expandir uma ação autônoma, considera insuportável esse desvio de sua própria intenção e preferia fechar seu instituto ao invés de ceder em relação ao seu projeto.

Recuperando a calma no Neuhoof, sua reflexão lhe permitiu formular uma verdade educacional básica, da que fez a linha central de seu testamento do educador: Canto do cisne<sup>1718</sup>. Esta verdade, que não deveríamos vacilar em denominar o “princípio pestalozziano”, é formulada da seguinte maneira: o ato educativo somente adquire e conserva seu sentido de ato educativo na medida em que se estabelece uma diferença entre as leis gerais do desenvolvimento da natureza humana em suas três dimensões da cabeça, do coração e da mão, e a maneira em que referidas leis são aplicadas em particular nas situações concretas e nas possibilidades das circunstâncias. À primeira vista, este princípio pode parecer de uma trivialidade surpreendente: qualquer homem que refletir um pouco terá plena consciência da ruptura que separa as ideias das realidades concretas. Mas quando observamos o esforço dos pedagogos que utilizam a teoria para realizar em sua prática a síntese entre a teoria que tem em mente e os seres sensíveis com os quais devem tratar, quando ademais observamos seus estrondosos fracassos e o fato de que cada vez se veem obrigados a viver sua utopia como seres marginais, chegamos à conclusão de que o autor do Canto do cisne conseguiu, sem dúvida alguma, resolver um dos problemas fundamentais da pedagogia: a mão do pedagogo somente poderá cumprir seu trabalho na medida em que se mantenha a distância – a distância da mão e a distância um do outro – o polo da inteligência universalizadora e o polo da sensibilidade particularizadora. A este preço a liberdade autônoma poderá constituir-se realmente nas crianças e não se evaporará na impotência da teoria nem se fundirá em uma confusão de interesses. Esta vontade de distinguir é tão forte que Canto do cisne, que pretende apreender a essência da formação elementar, é um convite para que cada indivíduo assuma a responsabilidade de sua ação e não vacile em criar eventualmente outros meios e outras técnicas, uma vez que o faz “com verdade e amor”, isto é, impulsionado pela vontade de que em torno dele se criem outras forças autônomas. O procedimento de Pestalozzi revela deste modo sua profunda atualidade pela maneira inigualada até nossos dias, em que soube articular sua teoria e sua prática. E se é certo que a educação tem a possibilidade de ser desenvolvida como processo de ação no que a prática, a pesquisa científica e a teoria se fecundam mutuamente (G. Mialaret), podemos dizer que Pestalozzi conseguiu realizar ao mesmo tempo essa tríplice tarefa. Pestalozzi se situa assim em uma posição a partir da qual pode atuar sobre a natureza específica da criança. Ao romper a continuidade natural entre o enfoque teórico e o enfoque prático das questões pedagógicas, rompe também o recurso do mecanismo que, há séculos, convertia a criança em um instrumento dócil de verificação da legitimidade das teorias preconcebidas. Ao deixar aberta a brecha entre a teoria e a prática, o autor do Canto do cisne libera no coração da criança a força por meio da qual esta poderá fazer “um trabalho

consigo mesmo”, e ao mesmo tempo põe as bases de uma pesquisa científica de ordem especificamente pedagógica. A educação faz parte, sem dúvida das ciências humanas, mas não é uma ciência humana como as demais: a relação dialética que mantém com a prática, certamente em nome do respeito à liberdade no vir a ser lhe faz rejeitar o esquema hipotético-dedutivo que determina o procedimento das ciências do homem.

Pestalozzi deixa ao pedagogo a missão de viver e acentuar a contradição que desenvolveu amplamente no Canto do cisne. Sem dúvida haveríamos preferido que ao chegar ao fim de sua reflexão, nos houvesse deixado uma verdadeira “teoria praticável de sua prática” que cada professor pudesse utilizar. Sua grande fragilidade continua sendo o fato de que jamais conseguiu separar verdadeiramente sua obra de si mesmo, de sua existência e de suas experiências. Mas esta fraqueza se transforma em uma força devido a que Pestalozzi nunca deixou de buscar desde o começo: a realização da liberdade autônoma em cada um e em todos.

## **PENSADORES ANTES E DEPOIS DE PESTALOZZI**

### **Rousseau - pensador anterior a Pestalozzi**

Rousseau (1712-1778) defendia que as instituições educativas corrompem o homem e tiram-lhe a liberdade e segundo ele, a criança deveria ser educada de acordo com a natureza, e progressivamente desenvolveria a razão, e quando “homem” seria capaz de julgar. Entenderemos melhor o que Rousseau pensava sobre a educação da criança e do jovem, lendo estas frases que ele nos legou.

*“A instrução das crianças é um ofício em que é necessário saber perder tempo, a fim de ganhá-lo”;*

*“Que a criança corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar”;*

*“Que se destine o jovem para a espada, para a igreja, para advocacia, pouco importa. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida. Viver é o ofício que eu lhe quero ensinar”;*

*“O homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe”.*

Essas frases nos levam a entender que para Rousseau o homem natural já nasce bom, e para ficar melhor ainda, e não ser corrompido pela sociedade, a educação se faz necessária primeiramente na natureza do ser, no lar, junto aos familiares, já o cidadão deve ser educado no circuito público, ou seja, pelo Estado, e assim engendrar uma vida relativa para que, quando homem, saiba julgar.

## **Froebel - pensador depois de Pestalozzi**

Friedrich Froebel (1782-1852), ainda jovem tornou-se professor, e fez uma visita à escola do pedagogo Pestalozzi, em Yverdon, Suíça. A partir de 1818 é que pôde colocar em prática suas teorias pedagógicas. Fundador do jardins-de-infância, destinado aos menores de oito anos, pois acreditava que o início da infância é a fase decisiva na formação das pessoas (idéia que hoje é consagrada pela psicologia), requeria cuidados; e deveria ser preferencialmente de responsabilidade das mulheres.

Froebel compartilhava o mesmo pensamento de Pestalozzi: O de que a criança é como uma plantinha em fase de formação, exigindo cuidados para o germe se tornar uma planta saudável.

*“Por meio da educação, a criança vai se reconhecer como membro vivo do todo”*

A auto-educação, técnica utilizada até hoje em educação infantil devem muito a Froebel, pois para ele, as brincadeiras são o primeiro recurso da aprendizagem; não são apenas diversão, são modos de criar representações do mundo concreto e entendê-lo, pois segundo Froebel, quanto mais se atija a mente da criança, mais ela fica receptiva a novos conhecimentos, deve-se tirar proveito educativo da atividade lúdica.

Froebel não fez a separação entre religião e ensino, consagrada atualmente (para ele na idade escolar seria trabalhado matemática, linguagem, artes, ciências naturais e religião); mas via a educação como uma atividade em que escola e família caminham juntas, esta característica o aproxima da prática contemporânea.

## **DIAS ATUAIS**

Na educação contemporânea, família, afeto, amor e brincadeiras pedagógicas talvez não sejam as primeiras palavras que venham à cabeça quando se fala em educar pensando somente em teorias e bens materiais, mas é o melhor, pensando em educar para ser socialmente competente.

## **AS CRIANÇAS BRASILEIRAS E A EDUCAÇÃO**

No Brasil, os jardins-de-infância para atender os filhos da elite foram criados a partir de 1875. Somente em 1899 surge no Brasil o jardim-de-infância, para atender negros e pobres, devido à urbanização das cidades e a inserção da mulher no trabalho fora do lar; mas sem um modelo educacional para atender as crianças.

A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, de 13/07/1990, estabeleceu-se os princípios de proteção integral à criança, a qual passou a ser concebida como pessoa em fase peculiar de desenvolvimento e, deve ter prioridade absoluta.

O ECA é uma lei, fruto de lutas dos movimentos sociais e de pessoas preocupadas com as condições de vida infanto-juvenil no Brasil. O ECA garante que todas as crianças (até 12 anos) e adolescentes (até 18 anos), independentemente de cor, etnia ou classe social, sejam tratados como pessoas que precisam de atenção, proteção e cuidados especiais para se desenvolverem e serem adultos saudáveis.

Se juntássemos as ideias dos dois pensadores: Johann Heinrich Pestalozzi e Friedrich Froebel teríamos a “poção” ideal da educação infantil e juvenil, e conseguiríamos fazer o ECA realmente fazer valer o que nele está escrito, e elogiado pelo mundo todo. O primeiro, colocava o fazer para aprender, com ele as crianças tinham que fazer, fazer seu próprio meio de sobreviver, e estudar, por se tratarem de crianças acolhidas, vítimas da guerra. O Segundo ensinava a vida ludicamente às crianças no jardim-de-infância.

Criança e adolescente que convive com afeto; que tem a obrigação de executar tarefas; que pratica a arte e o esporte serão com toda certeza homem integral.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realidade infantil, vista por mim, hoje, é assim: criança “filha única da classe média, ou ricas” têm o seu tempo sobrecarregado com inúmeras atividades e ficam sem tempo para brincar, ou conviver com seus afetos, e com certeza não se tornarão um homem integral. E as crianças “pobres” têm seu tempo totalizado no trabalho (informal), com poucas horas dedicadas ao afeto e à educação, com isso amadurecem precocemente, e com certeza não se tornarão um homem integral. São duas realidades da infância brasileira, marcadas pela desigualdade, exclusão social e também pelo desafeto e a falta de amor ao próximo.

A pesquisadora Dora Incontri vê na obra dos filósofos da educação, anteriores ao século XIX, uma concepção do ser humano "mais integral" do que a que passou a prevalecer então. Segundo Dora, naquela época, a ciência, incluindo a pedagogia, se tornou materialista. "Pensadores como Pestalozzi levavam em conta aspectos hoje negligenciados, como o espiritual." Ela lamenta a ausência dessa dimensão. No seu dia-a-dia na escola ou em seus estudos sobre educação, você já sentiu a sensação de que falta algo à teoria pedagógica? Chegou a pensar que carência é essa? De que forma ela se reflete na prática? Eu respondo: Falta amor ao próximo.

## REFERÊNCIAS

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: Educação e Ética**. São Paulo: Scipione, 1997. – Pensamento e ação no Magistério. 184 p.: il.

DURÃES, Sarah Jane Alves. **Aprendendo a ser professor(a) no século XIX: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart**. Disponível em [\\*http://www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em 01/08/2013.

<http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/>

[http://www.educacaomoral.org.br/pesta\\_lozzi.htm](http://www.educacaomoral.org.br/pesta_lozzi.htm)

[http://www.sema.edu.br/editor/fama/livros/historia\\_educacao/36\\_jo\\_pe.pdf](http://www.sema.edu.br/editor/fama/livros/historia_educacao/36_jo_pe.pdf)

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi** / Michel Soëtard; tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto; organização: João Luis Gasparin, Martha Aparecida Santana Marcondes. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 112 p.: il. – (Coleção Educadores)